Ano 1 ▪ Número 2 ▪ Abril de 2011

Jornal do Sind CT

Sindicato dos Servidores Públicos Federais na Área de Ciência e Tecnologia do Vale do Paraíba

8 DE MARÇO, 365 DIAS POR ANO

Todo dia é dia da mulher

Servidora do INPE, Alice Ueda, técnica em química especializada em vácuo, trabalhando no Experimento Tokamak Esférico

Mulher Página 3

A luta da mulher pela igualdade

Campanha salarial 2011 Página 4

A hora é essa. Começou a Campanha Salarial

Cidade Página 7

Termelétrica ameaça saúde em São José

Editorial http://www.sindct.org.br

Assembleias deflagram Campanha Salarial

A carreira de C&T parte para mais uma luta. A categoria deflagra a campanha salarial mantendo os objetivos de 2009/2010, com respaldo das assembleias. Uma luta que é também dos servidores do DCTA e do INPE.

Buscamos nesta luta não só melhorar os salários de uma categoria, mas também a valorização das instituições do setor aeroespacial. Cabe frisar que a carreira de C&T esteve sempre fora da lista das carreiras valorizadas pelo governo, a despeito de seu valor e importância para a nação.

Hoje, temos um novo governo, com uma mulher presidenta do Brasil, forte, dura, mas não insensível. Temos também novo ministro da C&T, político experiente e objetivo, que sabe conduzir as discussões, conhece a carreira de C&T e a maioria das entidades que representam os servidores. Há chances de um bom diálogo.

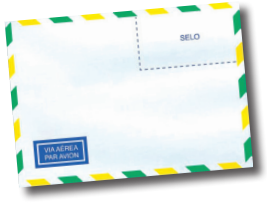
O novo ministro e a presidenta Dilma serão os maiores interlocutores pelo lado do governo nesta campanha, com os quais a carreira de C&T terá que argumentar, convencendo-os dos nossos méritos, das nossas necessidades e das necessidades do país.

Imaginamos que será uma batalha difícil, porém com grandes perspectivas de sucesso, pois temos tradição de luta, argumentos para convencer, além de uma base sindical formada por servidores do mais alto nível de dedicação aos seus Institutos de pesquisa, portadores dos méritos que sustentam a C&T nos cenários nacional e internacional.

Esta campanha salarial fortalecerá ainda mais a C&T, as instituições e seus servidores. Aumentará ainda mais a consciência de classe, de união e a necessidade de participação, a exemplo de 2007/2008, quando a categoria respondeu afirmativamente ao chamado do sindicato e obtivemos um reajuste salarial importante que nos deixou em situação um pouco abaixo do razoável, porém nos permitindo sobreviver financeiramente.

Agora, temos a esperança de que com novas negociações e com novos interlocutores, os servidores e instituições serão reconhecidos e valorizados.

Vamos prosseguir na luta. Uma luta digna que será travada por cada um de nós.



Carta do leitor

Aos redatores do Jornal do Sindicato... "Gostei muito desse novo meio de comunicação do sindicato. Tenho certeza que será de grande valia para nós associados... Faço votos que continuem sempre a divulgação dos trabalhos em prol da tecnologia do nosso país". ***(Guido - Aposentado do INPE)***

Ciência, tecnologia e sociedade

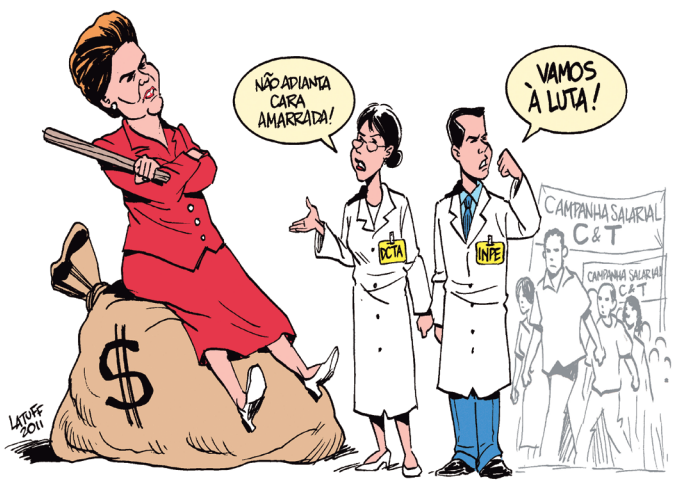
A POLÍTICA DE C&T DO GOVERNO precisa estar voltada aos interesses maiores da população

O corte do orçamento e os trabalhadores do INPE e DCTA

A Ciência e Tecnologia (C&T) durante o governo Lula passou por altos e baixos. De positivo, destaca-se: a) crescimento importante da dotação orçamentária dos institutos de pesquisa, b) recuperação salarial dos servidores da carreira de C&T, que foi alçada a um novo patamar de importância dentro da estrutura do Estado, c) retomada dos concursos públicos para recomposição do quadro de servidores, interrompidos por mais de uma década.

No período em que predominou a lógica neoliberal do "Estado mínimo" durante os governos de FHC e nos que o antecederam, praticamente não houve contratações. Somente agora estamos vivendo o ápice das danosas consequências desta política de redução de pessoal implementada ao longo da década de 1990. Temos equipes de pesquisa inteiras desestruturadas, linhas de pesquisa interrompidas e, o que é pior, com grave risco de perda de *know-how* pelo simples fato de não se ter garantido a continuidade geracional destas equipes de pesquisa.

Neste aspecto, a afirmação de Renato Dagnino, professor do departamento de Política Científica e Tecnológica na Unicamp, em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo de 07/03/2010, de que não há nenhuma diferença, do ponto de vista do conhecimento científico-tecnológico, entre os governos FHC, Lula e Dilma, simplesmente não se sustenta.



Avanços parciais no Governo Lula

Por outro lado, o governo Lula não avançou o que se esperava em alguns aspectos: a) o número de vagas abertas para concurso público foi insuficiente, com muitos institutos ainda sofrendo com a carência de pessoal; b) setores considerados estratégicos para o país, como a área espacial, continuam a ter seus orçamentos contingenciados, em que pese seu constante crescimento ao longo dos anos, e seus gastos seguem ineficientes.

Neste sentido está correta a observação do prof. Dagnino segundo a qual, quando o governo gasta recursos com empresas - nacionais ou estrangeiras - com o objetivo de implementar sua política de C&T, uma parte deste gasto se transforma em lucro das empresas, portanto, não pode ser computado como investimento direto nos projetos que se dispunha a implementar.

Tomemos como exemplo o Programa de Desenvolvimento de Satélites do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Enquanto muitos dos subsistemas que compõem o satélite são contratados a peso de ouro junto à indústria privada no país e no exterior, uma pequeníssima parte deste montante é aplicada no fortalecimento das linhas de pesquisa do instituto. Ao final o país até chega ao satélite, mas a um preço elevado e sem obter o completo domínio científico-tecnológico dos processos envolvidos.

Cabe ao país debater de forma transparente e democrática sua política de C&T, eleger suas prioridades, discutir a melhor forma de se aplicar os recursos disponíveis, sempre tendo em vista os interesses maiores da sociedade e o desenvolvimento soberano da nação.

EXPEDIENTE JORNAL DO SINDCT: Jornal do SindCT é uma publicação do Sindicato dos Servidores Públicos Federais na Área de Ciência e Tecnologia do Vale do Paraíba – fundado em 30 de agosto de 1989 ▪ Rua Santa Clara, 432, Vila Ady Anna ▪ CEP 12.243-630 ▪ São José dos Campos - SP ▪ Tel/fax: (12) 3941-6655 ▪ Responsabilidade editorial: a diretoria ▪ Horário de atendimento na sede: 8h30 às 17h30 ▪ Tiragem: 7.000 exemplares / 2.500 assinantes eletrônicos ▪ Jornalista Responsável: Fernanda Soares Andrade (MTB 29 972) ▪ Edição: Claudia Santiago (MTB 14915) ▪ Reportagem: Fernanda Soares, Marina Schneider (MTB 29.769/RJ) e Sheila Jacob ▪ Designer: Daniel Costa

DIA DA MULHER: um século de conquistas e muito ainda a fazer

As mulheres têm um longo caminho em busca da igualdade de direitos e deveres

Hoje, milhões de mulheres ainda lutam para serem reconhecidas e se reconhecerem como indivíduos históricos

Por Marina Schneider

O *Dia da Mulher*, nascido nos Estados Unidos, tem 104 anos. Em 2011 completou-se um século desde que a data passou a ser celebrada internacionalmente. Mesmo após todos esses anos está claro que muitos outros "8 de Março" ainda terão que ser lembrados e comemorados mundo afora para que as mulheres consigam ser tratadas dignamente em casa, no trabalho, na escola, enfim, na sociedade.

O dia da mulher começou a ser celebrado em 1908, em Chicago, nos EUA. A data da comemoração anual deste dia, no mundo inteiro, foi decidida em agosto de 1910, na Conferência das Mulheres da Internacional Socialista, na Dinamarca. Na ocasião não se marcou um dia único desta comemoração. Cada partido socialista marcava a data que quisesse em seu país. A partir de 1911, o *Dia da Mulher* passou a ser realizado em vários países do mundo. Em 8 de março de 1917, as operárias do setor de confecções de São Petersburgo, na Rússia, iniciaram uma greve que foi o estopim da grande Revolução Russa. No ano seguinte, 1918, o 8 de março passou a ser a data do Dia da Mulher, nos vários países.

A dura realidade da mulher no Brasil

Poderíamos enumerar várias situações de opressão, dominação e discriminação das mulheres, em nosso país. Vamos olhar apenas três situações típicas.

1 Violência contra a mulher. No Brasil, segundo pesquisa da Fundação Perseu Abramo, a cada dois minutos, cinco mulheres são agredidas violentamente. Outra pesquisa, realizada pelo DataSenado, apontou que 66% das mulheres brasileiras acham que a violência doméstica e familiar contra as mulheres aumentou. Das entrevistadas, 98% disseram já ter ouvido falar na Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), mas 68% ainda têm medo de denunciar as agressões.

2 Mais pobreza nas famílias chefiadas por mulheres. A desigualdade entre homens e mulheres não está nítida apenas quando vemos os números da violência. Segundo os dados em análise na Coordenação de Igualdade de Gênero do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), mais da metade das famílias com filhos e que são chefiadas por mulheres (53%) são pobres. Das famílias com filhos chefiadas por homens, 23,7% estão nessa condição.

3 Trabalhos iguais e salários menores. A diferença de salário entre homens e mulheres sempre foi uma luta do movimento sindical mundial, mas persiste até hoje. Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged/Ministério do Trabalho) apontam que o salário inicial pago aos homens em 2010 foi, em média, R$ 113,30 maior que o vencimento pago às mulheres na admissão no emprego.

Precisamos de uma revolução permanente

Para combater desde as diferenças salariais até todas as formas de discriminação e opressão das mulheres é necessário que ocorra uma revolução permanente na estrutura política da sociedade e nos corações e mentes de homens e mulheres. Para que haja novos homens e novas mulheres que lidem uns com os outros de maneira respeitosa e digna é necessário empenho por mudanças profundas políticas e ideológicas nas bases da sociedade.

Um terço da mão de obra do INPE e do DCTA é feminina

Centenas de mulheres contribuíram e contribuem diariamente para o funcionamento do INPE e do DCTA. Nos dois institutos, cerca de um terço dos funcionários na ativa são mulheres.

O DCTA possui 189 servidoras aposentadas e 310 servidoras na ativa.

O INPE tem 94 servidoras aposentadas e 166 na ativa.

A técnica do INPE, Alice Ueda, acredita que no serviço público os casos de discriminação contra as mulheres sejam menores do que na iniciativa privada. Ela afirma que nunca sofreu nenhum tipo de discriminação no trabalho por ser mulher. "Nunca tive problemas. Aqui, se tivermos os requisitos de qualificação para trabalhar está tudo bem", diz. "Somos concursados e, por isso, aqui, não há discrepâncias salariais entre homens e mulheres", lembra.

Casa Abrigo é uma necessidade de São José

DÉCADA DE ESPERA: 15 mil assinaturas

Há mais de uma década movimentos de mulheres de São José dos Campos lutam pela abertura de uma Casa Abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica no município. Há cerca de três anos a Defensoria Pública do Município perdeu uma ação na Justiça que reivindicava a construção do espaço e, mesmo após um abaixo assinado com mais de 15 mil assinaturas, a proposta continua estagnada. O local serviria às mulheres vítimas de violência que não têm para onde ir, bem como para mães de crianças agredidas e seus filhos. Na casa, as mulheres abrigadas receberiam atendimento psicológico, social e assistência jurídica. Para a vereadora de São José dos Campos, Amélia Naomi Omura (PT), uma das líderes desta luta, a Casa Abrigo é uma necessidade do município. "As mulheres que sofrem violência precisam de políticas públicas específicas. A Casa Abrigo está longe de ser a solução para o problema, mas é um instrumento importante de combate a este tipo de violência, pois permite que as vítimas se afastem dos agressores", afirma.

Arquivo Vereadora A. Naomi

Manifestação em São José pela Casa Abrigo

PALAVRA DO SINDICATO: Categoria vai à luta

DCTA e INPE são essenciais na Campanha Salarial

Os servidores da carreira de C&T têm pela frente mais um desafio: mobilizarem-se para mais uma campanha salarial da categoria

Por Fernanda Soares

As assembleias realizadas entre os dias 22 de fevereiro e 12 de março referendaram a proposta de nova tabela salarial apresentada ao governo pelo Fórum de C&T em dezembro de 2009.

O lançamento da Campanha Salarial foi no dia 30 de março em Brasília, no Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). O SindCT, que representa cerca de 6 mil servidores entre ativos e inativos do setor aeroespacial, ocupa a Secretaria Executiva do Fórum de C&T.

A assembleia do SindCT aprovou a manutenção da proposta original apresentada ao governo no final de 2009. Os trabalhadores entenderam que a proposta atende aos anseios do setor aeroespacial e da carreira.

Fique por dentro da nossa campanha

Nossa Campanha Salarial teve início em dezembro de 2009. Na ocasião, as entidades que compõem a carreira de C&T reuniram-se no Rio de Janeiro e construíram uma proposta de tabela salarial.

Desde então, a luta tem sido imensa, e os obstáculos também. O governo, apesar de sempre ter se mostrado aberto a se reunir com o Fórum de C&T, nunca chegou a apresentar uma análise acerca de nossa proposta e muito menos a oferecer uma contraproposta de tabela salarial à carreira o que, na prática, inviabilizou qualquer negociação.

Ao longo do ano de 2010 foram cerca de 40 idas e vindas a Brasília com o objetivo de abrir negociação com o governo, mas o movimento não obteve sucesso. O governo, através da Secretaria de Recursos Humanos do ministério do Planejamento (SRH/MPOG) desde o início afirmou que não haveria qualquer reajuste salarial para a Carreira em 2010, e que não assumiria qualquer compromisso para 2011, já que haveria mudança de governo.

Sem a C&T, o Brasil não cresce nem se sustenta. Caixas pretas de tecnologia se tornam obsoletas e o que resta é a dependência eterna. Contra isso, precisamos de uma carreira forte, estimulada e valorizada. Precisamos de salários dignos e atraentes para garantir a continuidade do que já conquistamos e que precisa ficar consolidado.

Contribuiu para este resultado o fato do ministro da C&T à época, Sérgio Rezende, nunca ter se mostrado disposto a prestigiar os servidores da área, diferentemente do que aconteceu com outras categorias como a área da Saúde. Por inúmeras vezes, o Fórum de C&T procurou o ministro para ressaltar a importância de sua entrada na queda de braço com o governo, mas ele simplesmente "lavou as mãos".

Portanto, esta é a dura realidade: no que diz respeito à campanha salarial iniciada no final de 2009 ainda estamos praticamente na estaca zero, pois até o momento nunca tivemos um retorno oficial do governo em relação à nossa proposta.

O fato novo é que agora estamos lidando com um novo governo, aparentemente mais aberto ao diálogo e dando mostras de que dará mais atenção à área de C&T. Estas mudanças podem ser constatadas pela decisão de se trocar o comando do MCT, pelas recentes declarações do ministro Mercadante de que valorizará nossa carreira, além da própria presidenta Dilma ter reconhecido a importância estratégica da carreira para o país.

Mas não há atalho para a vitória nesta campanha: a participação dos servidores nas atividades de mobilização será fundamental para aprovarmos a nova tabela salarial da carreira de C&T.

Fernada Soares

Assembleia dos trabalhadores do SindCT

LONGA HISTÓRIA de luta e espera

FHC massacrou servidor da C&T

Nos últimos 25 anos a política de valorização do setor aeroespacial do governo federal esteve muito longe de ser uma política de Estado. Pelo contrário, ao longo destes anos o que se viveu no setor foi um eterno clima de arrocho e insegurança quanto ao salário.

No período de vigência das políticas neoliberais que pregavam o Estado mínimo, especialmente nos dois mandatos de FHC (1995-2002), o funcionalismo público experimentou um duro período de carestia, salários arrochados, interrupção dos concursos públicos para reposição do quadro de servidores e contingenciamento de recursos para a área de pesquisa e desenvolvimento, dentre outros.

Durante os oito anos de governo Lula houve avanços importantes para a área de C&T, como a retomada dos concursos públicos, aumento progressivo dos orçamentos dos vários institutos, além de um reajuste salarial importante no ano de 2008, fazendo crer que a Ciência & Tecnologia finalmente passaria a ser tratada como área estratégica pelo Estado.

Contudo, os anos de 2009 e 2010 voltaram a ser anos difíceis para a carreira, uma vez que pendências da campanha salarial de 2008 não foram tratadas pelo governo, apesar da forte pressão feita junto aos ministérios do Planejamento e da C&T. Desde então, as perdas inflacionárias vêm reduzindo o poder de compra dos salários. A falta de novos concursos públicos interrompeu a recomposição do quadro de servidores dos órgãos ligados à C&T.

Nossa manifestação nas ruas de Brasília

Por que uma nova tabela salarial para a C&T ?

Alguns pontos merecem ser citados e até destacados para explicar o porquê da necessidade, da importância e dos méritos para uma nova tabela salarial para a C&T

Em 2007/2008, aconteceram reuniões de negociação salarial entre o Fórum de C&T e a SRH/MPOG. Nas duas últimas, já ao final de junho de 2008, foi definido o acordo que resultou nas tabelas salariais em vigor.

Na ocasião, ficou acordado à mesa de negociação com o governo que, a partir de julho de 2009, começaria a nova rodada de negociações visando construir uma nova tabela salarial para a C&T. O Fórum de C&T entendia que havia ainda muito que se discutir no sentido de se implementar a íntegra de nossa pauta de reivindicações.

➔ Em primeiro lugar, a incorporação, na íntegra, da gratificação de desempenho (GDACT) ao vencimento básico do salário, dando mais segurança aos servidores, em particular onde se constatam perseguições por parte das chefias.

➔ Em segundo, a superposição do topo salarial do nível médio em relação ao piso do nível superior, como forma de valorizar a experiência profissional dos técnicos em relação aos servidores de nível superior sem experiência.

➔ Em terceiro, a incorporação ao vencimento básico dos aposentados do valor máximo da GDACT (e não com base na média dos últimos 60 meses, como diz a lei atual).

➔ Por fim, a elaboração de uma nova tabela salarial, que colocasse a carreira de C&T mais próxima, em termos de remuneração, às chamadas carreiras próprias de Estado: Fiscais da Receita, Banco Central, etc.

A C&T como carro-chefe do desenvolvimento da nação

Apesar de vários documentos oficiais do governo colocarem a C&T como área estratégica para o país, em particular a área espacial, o fato é que nunca a mesma recebeu um tratamento digno deste nome. Basta observar os constantes atrasos no cronograma de desenvolvimento de programas como o veiculo lançador de satélites (VLS), da Plataforma Multi-Missão (PMM), e mesmo no cronograma de lançamento dos satélites CBERS, que o Brasil desenvolve em cooperação com a China.

É bem verdade que parte deste atraso pode ser debitada por falhas na parte gerencial destes programas, mas não há dúvida de que as constantes reduções de verbas, a falta de concurso público e de valorização salarial da carreira também contribuem para o problema.

O resultado é que o Brasil ainda não conseguiu implementar a Missão Espacial Completa Brasileira (MECB), que previa o desenvolvimento de todos os sistemas necessários para se colocar um satélite em órbita da Terra utilizando-se de meios próprios. Hoje, o país é o único dos que compõem o Bric (grupo que reúne Brasil, Rússia, Índia e China) a não dominar ainda a tecnologia de acesso ao espaço. Daí a importância de se sair do discurso para dar à C&T o status que ela de fato merece.

LIVRO

Se me deixam falar – Domitila
Autora: Moema Viezzer

Se me deixam falar é um relato da mineira boliviana Domitila Barrios de Chungara, "esposa de um trabalhador mineiro e mãe de sete filhos". No livro, Domitila fala sobre "seu povo", sua vida pessoal e o panorama das minas em 1976, especialmente depois da greve mantida pelos mineiros nos meses de junho e julho. Ao tratar da vida pessoal de Domitila, a obra aborda a grande trajetória da classe trabalhadora e do povo boliviano. É um hino à força e coragem da mulher. O livro foi escrito pela educadora gaúcha Moema Viezzer.

FILME

Olga
Direção: Jayme Monjardim

O filme Olga trata a vida da militante comunista judia Olga Benário, desde a sua infância na Alemanha até a morte em campo de concentração nazista, em 1942. O longa destaca a força dessa mulher que passou por treinamentos militares na União Soviética, veio para o Brasil e se engajou na luta comunista no país. Aqui se casou com o militante Luís Carlos Prestes, com quem teve uma filha, Anita Leocádia, nascida enquanto Olga esteve presa. O roteiro é baseado na biografia de mesmo nome escrita por Fernando Morais. Os artistas são muito conhecidos: Camila Morgado, Caco Ciocler e Fernanda Montenegro.

PREFEITURA DE SÃO JOSÉ: passagem recorde no país

Reajuste abusivo de ônibus pela segunda vez em dois anos

Enquanto aguardam decisão judicial sobre validade do aumento de tarifas de ônibus de 2009, moradores já amargam novo aumento

Por Fernanda Soares

No final de janeiro as passagens de ônibus em São José dos Campos foram reajustadas em 12%. A tarifa aumentou R$ 0,30; passando de R$ 2,50 para R$ 2,80. O percentual de reajuste foi aplicado sobre o valor já contestado judicialmente em 2009, quando a tarifa de ônibus em São José passou de R$ 2,10 para R$ 2,50. O resultado final ainda não saiu. A ação faz três questionamentos: percentuais já aplicados no reajuste anterior, falta de dados do IPEQ (Índice de Passageiro Equivalente por Quilômetro) e expectativa inflacionária futura, que gerou um reajuste de 19% naquele ano. Os autores da ação, o vereador Wagner Balieiro e outros vereadores petistas, aguardam decisão judicial para saber o que pode ser feito quanto ao novo reajuste.

"É um absurdo que uma cidade como a nossa tenha uma tarifa tão elevada e que os valores não sejam traduzidos em investimentos e melhorias para a população, que sofre com o atendimento precário, ônibus lotados e linhas mal planejadas", afirma Balieiro.

Falta de integração

Uma grande reclamação dos usuários do transporte público é a falta da integração das linhas, promessa não cumprida pelo prefeito Eduardo Cury (PSDB), na campanha de 2004. A integração, além de ter demorado para começar a ser implantada, ainda não atende a 100% das linhas.

O passageiro pode utilizar dois ônibus com a mesma passagem, porém desde que viaje no mesmo sentido e possua o cartão eletrônico. O pagamento em passe ou dinheiro não permite a integração.

Com o sistema de integração atual, não é possível utilizar ônibus para ir a bairros da mesma região da cidade com uma única passagem.

A prefeitura promete, mais uma vez, a implantação total da integração até abril deste ano. A população continua aguardando, desde 2004!

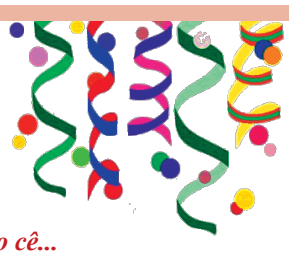
Passagem das mais caras do país

São Paulo R$ 3,00
Osasco R$ 2,90
São José R$ 2,80
Sorocaba R$ 2,50
Salvador R$ 2,30
Curitiba R$ 2,20
Brasília R$ 2,00

(Dados da Associação Nacional de Transportes Públicos)

BLOCO DE CARNAVAL DO INPE: a vida não é só trabalho

Lá em Cuba, em Cuba lá



O bloco carnavalesco *Lá em Cuba, em Cuba lá*, foi criado há três anos por um grupo de alunos em mestrados e doutorados e pesquisadores do INPE. O objetivo do bloco é usar o carnaval também como um espaço para a divulgação da ciência, tecnologia e inovação. Todo ano o bloco percorre as ruas de São José dos Campos sempre na quarta-feira que precede os dias de folia. Este ano, o tema foi o Vicentina Aranha, antigo sanatório da cidade que teve sua área transformada em parque e será administrado por uma OS (Organização Social) e o trem-bala, que fará passagem por São José.

Lá em Cuba! Encuba lá! (bis)
TB tem cura!
Basta imaginar! (bis)

Olha o trem-bala chegando
Tem casal na estação
O Banhado comprou sua passagem
O Vicentina chora de emoção

Falou o meu vizinho
TB tupiniquim! (bis)
"Tem um trem bala
passando no jardim" (bis)

Lá em Cuba! Encuba lá! (bis)
TB tem cura!
Basta imaginar! (bis)

Ói aqui pro cê...
O Vicentina é da nossa cidade
É memória! É coração!
O Vicentina não é estação!
Oh Vicentina! Oh Vicentina!
O Em Cuba lá inventou sua vacina!
Oh Vicentina! Oh Vicentina!
O Em Cuba lá inventou sua vacina!

Cof cof cof cof cof!
Isso é coisa do passado!
Piuí piuí! Blein belin!
Futuro à vista
Trem bala que já vem!

Lá em Cuba! Encuba lá! (bis)
TB tem cura! Basta imaginar! (bis)

MEIO AMBIENTE: destino do lixo em debate

São José quer instalar termelétrica na cidade

Procedimento já é proibido em vários países e, pela Lei Orgânica do Município, está prestes a ser implantado no município

Fotos: Fernanda Soares

O prefeito de São José dos Campos, Eduardo Cury (PSDB), encaminhou à Câmara Municipal um projeto propondo alterações na Lei Orgânica do município visando facilitar a instalação de incineradores de lixo e termelétricas na cidade. De acordo com o secretário de Meio Ambiente, André Miragaia, a instalação desse tipo de usina é "necessária para o futuro de São José dos Campos". A função de Miragaia é a proteção do meio ambiente. Pelo que observamos, o secretário vai na contramão da sociedade e do cargo que ocupa

O projeto gerou indignação dos ambientalistas, pois a medida está proibida na cidade desde 1990. "Em 2006 a França comprovou a contaminação da população no entorno da termelétrica. Quase todos os casos eram de câncer", alerta o engenheiro especialista ambiental e membro do Fórum Permanente em Defesa da Vida, Vicente Cioffi.

Vereadores da oposição sensibilizados pelas questões apresentadas pelos ambientalistas conseguiram adiar a votação.

Agora, a prefeitura planeja um *workshop* para debater o assunto, no dia 30 de março, com a presença de representantes da empresa responsável pelo equipamento de incineração de lixo. Isso significa que já está definido qual empresa executará o trabalho e que esta irá ao *workshop* com o objetivo de vender seus interesses.

Por que São José não pode ter uma termelétrica

As características geográficas de São José dos Campos não são adequadas para a instalação de incineradores de lixo. A cidade está localizada em um vale, entre as serras do Mar e da Mantiqueira.

De acordo com pesquisadores do INPE, durante grande parte do ano não há vento na região para a dispersão dos poluentes causados pela Petrobrás, pela rodovia Dutra e pela expansão urbana.

Essas pesquisas são sérias, realizadas num órgão governamental de respeitabilidade internacional, portanto têm que ser consideradas como fundamentais para a tomada de decisão.

O engenheiro e ambientalista Gabriel Alves da Silva Junior faz uma previsão nada otimista para a cidade, caso haja a instalação da usina: "São José vai ficar pior do que foi Cubatão, teremos ilhas de concentração de resíduos químicos".

Hoje, São José dos Campos já apresenta um aumento em 30% de patologias relacionadas com a péssima qualidade do ar: asma, bronquite, rinite alérgica, pneumonia, câncer de pulmão e enfartos.

Se olharmos apenas pelo lado econômico, a prefeitura e a secretaria do Meio Ambiente deveriam comparar o custo de projetos que não agridem o meio ambiente com o preço que fatalmente será gasto para tentar recuperar a saúde da população agredida por esta atitude ilógica, sem contar o estrago ambiental puro e simples.

Uma das grandes preocupações dos ambientalistas é a diferença do lixo gerado na Europa, que utiliza a incineração, e o lixo brasileiro. Nos países da Europa todo lixo incinerado é considerado lixo seco, enquanto no Brasil mais de 60% é lixo orgânico. Essa particularidade atrapalha a queima, encarece os custos, aumenta a emissão de toxinas cancerígenas e produz escória perigosa, com metais pesados e outros produtos tóxicos que acabarão por ser aterrados, correndo o risco de contaminar o ambiente.

As tecnologias utilizadas na incineração e nas termelétricas, por mais avançadas, não estão isentas de comprometer a qualidade do ar, emitindo na atmosfera gás carbônico e óxido de nitrogênio, responsáveis pelo agravamento do aquecimento global, chuvas ácidas e incidência de raios (problemas já frequentes no município).

A solução para o lixo

O governo do estado alerta para a falta de espaço de aterros e o prazo de vida útil de cada um, confirmando a incineração como única saída para o problema do lixo. A solução de incineração é cara e não contribui para a reciclagem de materiais. O país é um dos grandes importadores de adubo, portanto, ao invés de incinerar o lixo úmido, poderia aproveitá-lo na produção de aditivos agrícolas.

As usinas de reciclagem do poder público no Brasil só reciclam entre 1 e 2% do lixo domiciliar e comercial. 90% do lixo produzido no Brasil pode ser reciclado ou reutilizado!

A solução correta para o lixo brasileiro é simples e econômica. Basta seguir as recomendações da Política Nacional de Resíduos Sólidos e respeitar o meio ambiente.

Temos, hoje, no Brasil tecnologias, estudos e alternativas à ideia de incineração que, aparentemente, surge como solução, mas na verdade é uma bomba relógio para São José dos Campos.

Uma política estadual

A instalação da termelétrica em São José não é exclusividade do município. O governo do estado de São Paulo elaborou um plano para a construção de grandes usinas de incineração de lixo. Em todo o estado, a justificativa é sempre a mesma: falta de espaço para aterros, principalmente em regiões metropolitanas e no litoral norte do estado, e a necessidade de geração de energia.

Com a ampliação do debate na sociedade, cresce o número de pessoas contrárias à instalação dos incineradores, argumentando ser a última solução, conforme propõe a Política Nacional de Resíduos Sólidos, regulamentada por decreto no final de 2010.

O decreto inclui a não geração do lixo, a redução, a reutilização, a reciclagem e o tratamento de resíduos sólidos como opções prioritárias. Também foram determinadas penalidades para quem não cumprir a coleta seletiva (que não existe em 44% dos municípios brasileiros) e a logística reversa, ou seja, o retorno obrigatório aos fabricantes de itens como pilhas, pneus e produtos eletrônicos. Foram previstas multas de até R$ 50 milhões para quem lançar resíduos em locais como praias ou não der destinação adequada a resíduos perigosos.

São várias ações incentivando a conscientização para um país limpo e sustentável, e o governo do estado de São Paulo faz o caminho contrário, propondo alterações nas leis para se esquivar da Política Nacional de Resíduos Sólidos.

Poluição da Dutra em constante aumento

O que vai pelo Brasil

http://www.sindct.org.br

AS ENCHENTES NÃO SÃO POR ACASO: mil desculpas não encobrem a realidade

São Paulo: megalópole debaixo d´água

Todo ano é a mesma coisa. Inundações, alagamentos, enchentes, nos mesmos lugares. É fácil culpar São Pedro. Mas estes desastres são possíveis de ser evitados. Então por que é sempre a mesma história?

No dia 4 de março, o governo do Estado de São Paulo anunciou um pacote anti-enchentes para os rios Tietê e Pinheiros. A promessa de construção de diques, piscinões e muros de contenção veio logo após as fortes chuvas dos primeiros dias do mês, que mais uma vez tornaram a vida na região metropolitana caótica. Neste ano, mais de 30 pessoas ficaram feridas e 28 morreram, além de milhares estarem desabrigadas.

Este cenário, que se repete de maneira mais ou menos intensa por todo país, não é novidade. Há décadas notícias e imagens de enchentes tomam jornais e noticiários de TV. Causam surpresa e espanto momentâneos, mas não resultam em ações preventivas por parte dos governos.

Raquel Rolnik, urbanista e relatora especial da ONU para o direito à moradia adequada não deixa dúvidas que o problema é o modelo econômico adotado pela maioria dos países. Um mundo com milhões de moradias precárias que sempre são atingidas por problemas como os que atingem São Paulo a cada ano. Eis a síntese da especialista:

"Temos um bilhão de favelados no mundo e há uma confluência perversa entre essa situação e os lugares mais expostos a desastres ambientais, como deslizamentos de terra e inundações" *(R. Rolnik)*

O que vai pelo mundo

DITADURAS AINDA EXISTEM; luta do povo pode derrubá-las

As lições das "revoluções" do mundo árabe

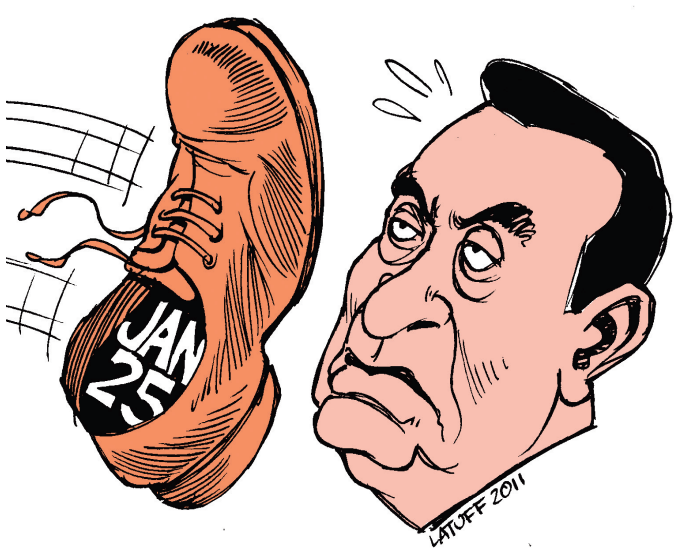
Desde janeiro, o mundo árabe, antes tão parado, está em efervescência. Revoltas, repressão com mortes e queda de ditadores quase fazem pensar em revoluções. Qual o sentido dessa virada na história dos povos do Magreb e do conjunto do mundo Árabe? Quais lições podemos tirar? Das cem possíveis, escolhemos cinco que nos parecem muito significativas.

*Por Vito Giannotti**

1 A primeira lição que as revoltas e quase revoluções da Tunísia, Egito, Marrocos, Algéria, Iêmen, Bahrein e outros países trazem é que ainda é possível juntar milhões, enfrentar seus tiranos, sejam eles eleitos ou não. É possível ocupar praças e ruas e derrubar governos. Estas revoltas não se acabaram nos séculos XIX e XX. Em pleno século XXI, palácios, bancos e quartéis podem ser tomados pelo povo enraivecido. Para muitos ex-revolucionários, desesperançados ou arrependidos esta é uma grande lição.

2 A segunda é o papel da mídia para construir consensos a serviço da manutenção da hegemonia política da classe dominante, isto é, das estruturas de poder político, econômico, militar. Esta mídia, como manda a classe dona dos meios de comunicação, não tem nada de objetivo, de neutro, de preocupação com a verdade ou o serviço da informação do povo. Esta mídia, desde o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1919, nada disse das ditaduras que foram implantadas, gradativamente, em quase todos os países árabes. Implantadas, do Marrocos à Arábia Saudita, pelas potências imperialistas ocidentais. Ditaduras criadas, patrocinadas pelos EUA e pelos países europeus. Esta mídia só falou de "ditaduras" quando lhe interessava. Desvelou seu papel de mídia de classe.

3 A terceira lição é que estas revoltas não nasceram do nada. O estopim foi a insatisfação com a piora da vida do povo a partir da implantação do neoliberalismo em todos estes países. Neoliberalismo que vem com suas conseqüências imediatas: desemprego, privatização, isto é, piora dos serviços públicos, precarização dos direitos trabalhistas, rebaixamento salarial, enfim, tudo o que justifica uma revolta popular. Não é a toa que, na Tunísia, tudo começou com a repressão, igual à de qualquer outro país, a um pequeno vendedor ambulante que procurava sobreviver.



4 A quarta lição que estas revoltas nos dão, sobretudo a partir do caso da Líbia, que é um caso totalmente à parte dos outros, é que a atitude do Ocidente é a mesma há cem anos. Europa e EUA não vacilam um segundo em intervir, invadir e declarar guerra a estes países, para defender seus interesses econômicos. Não tem nada de defender democracia, direitos humanos ou libertar as mulheres dos véus. Tudo isso é balela para o Jornal Nacional nosso ou seu similar de qualquer país jogar fumaça nos olhos de ingênuos telespectadores. O objetivo da Europa e dos EUA com o mundo árabe é garantir o petróleo como matéria prima nobre e mercados para seus produtos, sejam eles mercadorias ou capitais.

5 A última lição que podemos tirar é que revoltas não são revoluções. É muito mais fácil derrubar um ditador do que construir um novo projeto político que substitua uma ditadura a serviço de uma classe privilegiada e usurpadora dos bens do povo do que construir um novo projeto popular. Um projeto onde o povo seja dono do seu país, do seu destino, para além de mecanismos ilusórios de democracia. Para esta transformação é necessário construir milhares de associações, sindicatos, organizações da sociedade civil e partidos políticos.

**Vito Giannotti é coordenador do Núcleo Piratininga de Comunicação e escritor*